

SÊNECA E O TRATAMENTO DOS ESCRAVOS

France Y. MURACHCO

fymurach@usp.br

Nas sociedades antigas, desde os tempos mais remotos dos quais se tenha informação, a escravidão foi um fato. Era associada por necessidade à sobrevivência dessas sociedades formadas por cidadãos guerreiros sobre os quais repousava a integridade do estado em relação aos estados vizinhos e o funcionamento da sua organização política. Guerreiros ou administradores, não podiam dedicar à produção, especialmente a agrícola, o tempo necessário; precisavam então de uma mão de obra formada primeiro pelos cativos conseguidos nas ações guerreiras, pelos devedores insolventes que pagavam suas dívidas com a perda de sua liberdade, pelas capturas resultantes de atos de pirataria. Já na condição de escravos, eram mera mercadoria e podiam ser vendidos assim como os filhos que geravam. Eram muitas vezes destinados aos trabalhos mais duros, extração mineira e trabalhos nos campos para os homens, trabalhos caseiros para as mulheres. Ao longo da história, a condição dos escravos diversificou-se: como possessão do estado realizavam obras públicas e até funções administrativas, como possessão de particulares não eram mais só mão de obra rural ou industrial, especializaram-se em serviços de todo tipo até passaram a servir de ornamento ou, se se pode dizer, de “signos exteriores de riqueza” nas casas dos endinheirados.

Sêneca viveu no Iº século depois de Cristo, sob o reinado de Nero, num tempo em que Roma dominava o mundo e drenava as riquezas dos povos subjugados. Preceptor do futuro imperador, conservou durante bastante tempo a confiança dele; era um dos poderosos e convivia com a classe dos abastecidos; mas seu interesse pela filosofia e especialmente pela filosofia estóica permitiu-lhe distanciamento em relação aos costumes dos seus contemporâneos. Nos oferece nas suas “Epístolas Morais a Lúcio” em particular na Epístola 47 ao mesmo tempo que uma reflexão sobre a condição dos escravos uma acerba crítica do modo como eram tratados.

Esse texto é rico em informações diversas sobre a vida dos escravos na casa dos que gozavam de uma posição social avantajada. Além dos trabalhos no campo ao qual

Sêneca faz alusão, citando no § 15 o cavaleiro ou o boiadeiro como submetidos a um trabalho mais vil por ser mais sujo e exigir competências menos refinadas, insiste sobre os ofícios que lhes são atribuídos na casa dos ricos, onde cuidam de manter a limpeza na sala do banquete, limpando as sujeiras dos convidados: “Quando nos deitamos para jantar, um enxuga os escarros, outro, abaixado, recolhe os restos dos bêbados no colchão.”§5. O texto sublinha a especialização no serviço à mesa: um é preposto ao destrinchar as aves segundo regras precisas, outro a servir o vinho mas tem que apresentar, apesar dos anos o mesmo aspecto que oferece o eterno adolescente Ganimedes, escanção dos deuses do Olimpo: “Outro, provedor do vinho, enfeitado a modo de mulher, luta com a idade: não pode escapar à infância, é obrigado a voltar a ela e então imberbe, com os pelos raspados ou totalmente depilados” §7; outro abastece a casa com iguarias e não só é encarregado das compras mas tem que adivinhar o que o dono terá vontade de comer: “acrescenta os responsáveis pelas compras que têm do paladar senhorial um refinado conhecimento, que sabem a iguaria cujo sabor o estimule, cujo aspecto o deleite, pela novidade da qual ele possa, inapetente, ser solicitado, o que já repugne a sua saciedade, o que lhe abra o apetite naquele dia.” §8. Tem também o escravo que observa os convidados a fim de denunciar quem se apresenta não para honrar o dono mas para refestelar-se e, como parasita, volta no dia seguinte para aproveitar as sobras ou para criticar: “observa quem a adulação e a intemperança de boca ou de língua traz de volta no dia seguinte.” §8. Podem ser trabalhos menos pesados que os do campo ou das minas, mas que atingem a dignidade de quem é obrigado a fazê-los.

O texto alude também a outros ofícios que os escravos podiam exercer, tais como arautos num regimento, ou como secretários e nesse caso acabavam tendo algum poder, já que filtravam o acesso a homens importantes por sua riqueza ou por seu cargo público “uma vez arrolado na primeira decúria¹ onde usa sua voz como arauto: o próprio escravo por sua vez rejeitou seu dono e este mesmo não o julgou digno de sua casa.” §9

Mas é sobretudo na sua condição doméstica que Sêneca se insurge com o tratamento que recebem: assistem ao banquete e aos excessos de comida e de bebida dos convidados sem comer, sem falar, de pé até altas horas da noite. Não se lhes permite nenhuma dignidade, nenhum respeito próprio; servem o dono até na cama tal como

¹ - A decúria é uma divisão da cavalaria

aquele escanção mantido com aspecto adolescente, acordado durante a noite inteira que “divide entre a ebriedade e a luxúria do dono, varão no quarto, menino no banquete.”

§7. Os castigos pela menor infração são desumanos; são tratados como animais: “o fato que não os usamos como homens mas como bestas de carga” §5 e no §3: “E aos pobres escravos nem mesmo para falar lhes é permitido mover os lábios; todo murmúrio é reprimido com chibatada, e nem mesmo escapam aos açoites incidentes involuntários, como tosse, espirros, soluços; o silêncio quebrado por qualquer ruído é expiado como grande mal”. Sêneca não deixa de sublinhar a arbitrariedade dos castigos: “as nossas exigências nos empurram a chegar até à raiva já que qualquer coisa que não responde à nossa vontade provoca nossa ira.” e usa-se qualquer pretexto para cometer injustiça.

Atitude absurda quando se considera que qualquer um, e em qualquer idade, pode cair na escravidão: “Não sabes em que idade Hécuba caiu em escravidão, em que idade aconteceu o mesmo a Cresos, à mãe de Dario, a Platão, a Diógenes?”. As guerras são uma fonte permanente de cativos e podem transformar em escravo qualquer um: cidadãos romanos ao sofrer um reverso militar foram escravizados: “Por causa do desastre de Varo, muitos jovens nascidos em berço de ouro, aspirantes à classe senatorial pelo serviço militar, a sorte os humilhou: deles, um ela o fez pastor, outro guarda da propriedade.” Ora uma vez escravos, viram mera mercadoria, tal como o escravo Calisto, exposto entre objetos de pouco valor portando um cartaz que provavelmente indicava seu baixo preço.

As atitudes dos ricos donos de escravos não atraem nenhum elogio de Sêneca. Mostra-os exagerando na comida e na bebida quando convidados a um banquete “ei-lo que se serve em excesso e com enorme avidez sobrecarrega seu ventre distendido mas já desacostumado de seu ofício de ventre já que há de pôr tudo para fora com um trabalho maior que o que teve para pôr para dentro.” §2, isto é, vomitando o que não conseguem mais digerir, enfatiados de tanto refinamento como vimos no §8. Por outro lado seu poder os torna insolentes, injustos, crueis, criando entre escravos e donos uma tensão na própria casa onde os primeiros só podiam sentir ódio e os segundos desprezo e medo. Sêneca cita um provérbio que define bem essa relação: “há tantos inimigos quantos escravos”, e a explica: “não os temos como inimigos, os fazemos”. Opõe essa atitude à situação supostamente idílica em que viviam os antepassados dentro de suas casas: “Ao dono deram o título de pai de família, aos escravos o de familiares, ... instituíram um dia festivo no qual os donos jantassem com seus escravos, não só naquele dia mas nesse dia pelo menos; deixaram-nos ter consideração em casa, receber justiça e julgaram que a

casa era um diminuto estado.” §14. De fato, numa vida menos luxuosa, o dono costumava cuidar pessoalmente da propriedade e tinha uma convivência mais direta com seus servos, o que o aproximava deles, gerando uma convivência mais humana e mais simples, até institucionalmente, já que se tinha instituído um dia festivo que colocava donos e escravos como comensais, com a finalidade, segundo Sêneca, de favorecer um convívio diário.

E nosso autor sublinha as contradições dos donos atuais que consideram aviltante o fato de sentar à mesma mesa que esse pessoal que desprezam e consideram como objetos ou animais. Ao conselho de Sêneca: “Vive com teu escravo com bondade, com companheirismo até, e admite-o na tua conversa, no teu conselho e no teu convívio.”, respondem “nada é mais humilhante que esta atitude, nada mais vergonhoso”. §13. Mas por outra parte rebaixam-se diante dos escravos alheios quando precisam ser admitidos na presença de alguém mais poderoso; e isso revolta nosso autor: “E estes, digo os mesmos, apanhá-los-ei beijando as mãos dos escravos alheios.” §13 De fato como o dissemos, alguns escravos ocupavam postos de secretário e eram eles que permitiam ou dificultavam o acesso a seus donos, tal como Calisto, que pôde devolver a seu dono o desprezo que sofreu: “o próprio escravo por sua vez rejeitou seu dono e este mesmo não o julgou digno de sua casa.” §9, deixando-o no solar que não lhe permitia franquear.

Essa visão idílica nem corresponde a uma realidade constante e generalizada nem a apresentação da condição escrava do século de Sêneca é tão generalizada quanto parece que ele quer mostrar. Pois se de um lado ele evoca as tensões dentro da própria casa entre donos e escravos citando o provérbio “há tantos inimigos quanto escravos” §5, por outro lado mostra que tratados com humanidade os escravos podem até sacrificar-se pelos donos “estavam dispostos a apresentar seu pescoço no lugar do seu dono, a desviar um perigo iminente sobre sua própria cabeça” §4 e o medo não se justifica se, em vez de temer o dono, o escravo o respeita: “Quem é venerado também é amado: o amor não se mistura com o medo” §18.

Essas informações que nos transmite a carta 47 de Sêneca podem ser complementadas por vários autores: Catão o censor no seu “De agricultura”, Varrão no “De re rustica”, Columella no “De re rustica”, onde tratam da conduta a seguir para uma melhor produção da terra, Horácio nas epístolas e nas sátiras, Petrônio no “Decameron” onde são retratados os costumes da sociedade romana, Plauto nas suas comédias que

mostram as relações entre donos e escravos. O estudo e a comparação desses textos ultrapassa nosso propósito, isto é, mostrar a contribuição de Sêneca à observação da sociedade de sua época e à evolução das idéias em relação à escravidão.

Esta carta, como muitas outras dirigidas a seu amigo Lucílio, pretende encorajá-lo a perseguir seus esforços para aperfeiçoar-se moralmente dentro do âmbito da filosofia estóica. Responde às críticas prováveis feitas por amigos à atitude de Lucílio que não desdenha jantar com seus escravos e os trata como fazendo parte da família. Não pretende levantar uma bandeira política a favor da liberação dos escravos, coisa ainda inconcebível dentro do sistema socio-político da época. Admite a sociedade tal como a conhece; mas insurge-se contra uma convivência aceita geralmente que coloca donos e escravos em campos inimigos e isso pela culpa dos donos.

De fato aparece nessa carta, quem sabe pela primeira vez na história, uma visão do escravo não mais como elemento necessário à produção -o que também são os bois e os cavalos- ou como instrumento de satisfação de todo tipo de necessidades ou mesmo como elemento de ostentação de riqueza, mas como sendo um ser humano digno de respeito e até de amizade. Desde as primeiras linhas salienta que os escravos são homens e como tais, apesar de sua condição humilde, são nossos companheiros e podem ser nossos amigos: “ ‘São escravos’. Sim, mas são homens. ‘São escravos’. Sim, mas são camaradas. ‘São escravos.’ Sim, mas humildes amigos.”§1 Como tais, o fato de sentarem-se à mesma mesa não rebaixa ninguém. A atitude de Lucílio condiz com a filosofia que pretende praticar: “fiquei sabendo... que vives com teus escravos como se fossem família: isto convêm a teu discernimento, a teus estudos.” §1

Toda uma evolução da sociedade e das idéias filosóficas levou a considerar o ser humano em si. A filosofia estóica nasceu quando a antiga estrutura política da Grécia estava mudando: já não era mais sobre a “polis” e sobre o cidadão que se exercia a reflexão dos filósofos, mas sobre o homem como indivíduo. O que estava em pauta é o aperfeiçoamento individual, a felicidade de cada um, o dever de cada um em relação à sociedade e em relação a si próprio. Não se tratava mais de entender o mundo para constituir um estado estável e feliz, mas de entendê-lo para alcançar a própria felicidade ao conformar-se com as leis da natureza. Daí a visão que todo homem faz parte da mesma categoria e tem a mesma natureza: “esse a quem chamas teu escravo, nascido das mesmas sementes, goza do mesmo céu, respira igual, vive igual, morre igual”§10. De fato todos os homens são iguais diante da vida e da morte. Sem contar que é o destino que coloca cada um em uma determinada situação: “Tanto podes vê-lo homem

livre quanto ele pode ver-te escravo.”§10. As aleas da vida podem mudar a sorte, coisa sobre a qual Sêneca insiste várias vezes, por exemplo quando cita o desfecho da batalha perdida por Varo que transformou em escravos tantos jovens patrícios: “Despreza agora o homem que teve essa sorte, na qual podes cair no momento em que a desprezas.”§10.

Por isso, roupa, situação social, funções, riqueza ou pobreza são meros atributos exteriores que não condizem necessariamente com o verdadeiro valor do ser humano,: “‘É um escravo.’ Mas talvez tenha a alma de um homem livre.” §17. Avaliar alguém “através de sua roupa ou de sua situação que nos envolve como uma roupa.” é tão estúpido quanto “na hora de comprar um cavalo, inspecionar não o próprio cavalo, mas o selim e os freios” §16 Quanto a convidar escravos à sua mesa, isto não será determinado pelo papel que desempenham “Enganas-te se estimas que vou rejeitar alguns que fazem um trabalho mais baixo, por assim dizer, como por exemplo o que cuida dos cavalos ou dos bois. Não os avaliarei por suas tarefas mas por seu comportamento.” §15 Sêneca coloca como essencial no homem o que depende dele: “Cada um é responsável de seu comportamento, é o acaso que assina as tarefas.” §15, pois como o percebeu Ismael Roca Meliá na introdução à sua tradução p. 43 “El estóico há buscado la liberdade en la interioridade”. Dá maior importância à dignidade pessoal, ao que considera a verdadeira liberdade, que não depende de circunstâncias, mas do modo como vive. Insiste sobre o fato que os que se pretendem livres se sujeitam sempre a alguma coisa que os escraviza: “Apresenta quem não é escravo: um é sujeito de sua luxúria, outro de sua cupidez, outro de sua ambição, todos de sua esperança, todos de seu medo. Darei a uma velhinha um antigo cônsul como servente, a uma empregadinha um ricoço, apresentarei os mais nobres rapazes como propriedades dos pantomimas.” §17 e acrescenta: “nenhuma servidão é mais vergonhosa que a voluntária” §17. A indignidade está na incapacidade que têm os homens de escapar a suas paixões. Por isso não há razão para desprezar os escravos e isto pode manifestar-se, como Lucílio o pratica, por um convívio simples e amistoso. E Sêneca sugere que o homem tem a capacidade de melhorar, de corrigir seus defeitos e sua falta de educação: “Que jantem contigo uns porque são dignos, uns para que o venham a ser; pois se há neles algo servil por causa da baixaza em que vivem o convívio com gente mais decente o sacudirá.” §16 E considera importante revelar as qualidades que podem ser escondidas num ser humano, até quando vive na própria casa e Lucílio tem meios de favorecer-lhes o desabrochamento: “Muitas vezes uma boa matéria não se revela sem um artífice: tenta e põe à prova.”, aconselha Sêneca a seu amigo.

Os encorajamentos de Sêneca a Lucílio em prosseguir nos seus esforços de aperfeiçoamento moral que se revelam no seu modo de conviver com seus escravos ao tratá-los com humanidade e até com respeito refletem a moral estóica que Sêneca quer praticar e que Lucílio quer seguir: “vives com teus escravos como se fossem família: isto convém a teu discernimento, a teus estudos.” De fato este texto além de informações interessantes sobre a sociedade do tempo de Nero marcada por um luxo excessivo, pela entrega a todos os prazeres até chegar ao fastio, pela crueldade e a indiferença ao sofrimento alheio, nos coloca dentro de um pensamento que se distancia dessa sociedade e a julga. A moral estóica não deixou de seduzir os romanos sobretudo por lembrar a simplicidade tantas vezes elogiada com a qual viviam os antepassados, simplicidade que lhes deu a capacidade de vencer os desafios encontrados tanto dentro do próprio estado quanto nas conquistas exteriores. A visão estóica da grandeza do homem enquanto homem, independentemente de sua condição, enaltece o esforço do indivíduo para libertar-se das contingências e encontrar sua liberdade no domínio de suas paixões. Permite que o outro, qualquer que seja sua função ou sua origem, seja apreciado pelo seu valor profundo, interno e inalterável: a retidão de seu caráter e sua dignidade de ser humano.

BIBLIOGRAFIA

FLORENZANO Maria Beatriz: **O Mundo Antigo- Economia e Sociedade (Grécia e Roma)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982

ROCA MELIÁ Ismael: **Epístolas Morales a Lucílio** - Tradução (introdução Geral). Madrid, España: Ed. Gredos, 1986

SÊNECA : **Epístolas Morales a Lucílio. Thesaurus Linguae Graecae**. Irvine: University of California, 2000